



SEMEANDO SABERES ANCESTRAIS: UMA LEITURA GEOGRÁFICA SOBRE O PAPEL DA CULTURA NA ESCOLA DIFERENCIADA DE EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL ABÁ TAPEBA (CAUCAIA – CE)

SOWING ANCESTRAL KNOWLEDGE: A GEOGRAPHICAL READING ON THE ROLE OF CULTURE IN THE DIFFERENTIATED SCHOOL OF EARLY CHILDHOOD AND ELEMENTARY EDUCATION ABÁ TAPEBA (CAUCAIA – CE)

SEMBRANDO CONOCIMIENTOS ANCESTRALES: UNA LECTURA GEOGRÁFICA SOBRE EL PAPEL DE LA CULTURA EN LA ESCUELA DIFERENCIADA DE PRIMERA INFANCIA Y EDUCACIÓN ELEMENTAL ABÁ TAPEBA (CAUCAIA - CE)

Vitória Alves Lima¹
valveslima8@gmail.com

RESUMO

No estado do Ceará, é reconhecida a existência de povos tradicionais, como povos indígenas e quilombolas, que possuem particularidades culturais. Em meio a essas singularidades, destaca-se perante as demais etnias indígenas do estado, o povo indígena da Tapeba, habitantes do município de Caucaia (CE) localizado na Região Metropolitana de Fortaleza (RMF). Além de possuírem expressivo contingente populacional, os Tapeba foram precursores no desenvolvimento do movimento de educação diferenciada no estado do Ceará, possuindo atualmente, 14 escolas diferenciadas. A educação diferenciada surgiu como resposta às frequentes situações de preconceito para com as crianças indígenas, e tem como objetivo promover uma integração entre a cultura e os conteúdos ofertados nas disciplinas. Dessa forma, definiu-se enquanto objetivo da pesquisa, entender qual o papel que a cultura desempenha no ensino diferenciado indígena, e para alcançar o objetivo proposto, foram definidos três procedimentos metodológicos, levantamento bibliográfico, levantamento estatístico e realização de entrevistas. Foram identificados na escola a presença de professores com graduação intercultural, decoração com elementos da cultura indígena, disciplinas diferenciadas, projetos culturais mensais, e eventos em parceria com as demais escolas do município.

¹ Estudante do curso de graduação bacharelado em Geografia na Universidade Estadual do Ceará – UECE. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4145629612523761>.

Palavras-chave: Cultura. Educação diferenciada. Povo Tapeba.

ABSTRACT

In the state of Ceará, the existence of traditional peoples, such as indigenous and quilombola peoples, which have cultural particularities is recognized. In the midst of these singularities, it stands out before the other indigenous ethnic groups of the state, the indigenous people of Tapeba, inhabitants of the municipality of Caucaia (CE) located in the Metropolitan Region of Fortaleza (RMF). In addition to having an expressive population, the Tapeba were precursors in the development the differentiated education movement in the state of Ceará, with 14 differentiated schools. Differentiated education emerged response at prejudice situation towards indigenous children, and aims to promote an integration between culture and the contents offered in the disciplines. Thus, it was defined as the objective of the research, to understand the role that a culture plays in differentiated indigenous education, and to achieve the proposed objective, three methodological procedures were defined, bibliographic survey, statistical survey and conducting interviews. The presence of teachers with intercultural graduation, decoration with elements of indigenous culture, differentiated subjects, monthly cultural projects, and events in partnership with other schools in the municipality were identified at the school.

Keywords: Culture. Differentiated education. Tapeba people.

RESUMEN

En el estado de Ceará se reconoce la existencia de pueblos tradicionales, como los pueblos indígenas y quilombolas, que tienen particularidades culturales. En medio de estas singularidades, se destaca ante las demás etnias indígenas del estado, el pueblo indígena Tapeba, habitantes del municipio de Caucaia (CE) ubicado en la Región Metropolitana de Fortaleza (RMF). Además de tener una población expresiva, los tapeba fueron precursores en el desarrollo del movimiento de educación diferenciada en el estado de Ceará, contando actualmente con 14 escuelas diferenciadas. La educación diferenciada emergió como respuesta a las frecuentes situaciones de prejuicio con la niñez indígena, y tiene como objetivo promover una integración entre la cultura y los contenidos que se ofrecen en las disciplinas. Así, se definió como objetivo de la investigación, comprender el papel que juega la cultura en la educación indígena diferenciada, y para lograr el objetivo propuesto, se definieron tres procedimientos metodológicos, levantamiento bibliográfico, levantamiento estadístico y entrevistas. En la escuela se identificó la presencia de docentes con graduación intercultural, decoración con elementos de la cultura indígena, disciplinas diferenciadas, proyectos culturales mensuales y eventos con las otras escuelas del municipio.

Palabras clave: Cultura. Educación diferenciada. Pueblo Tapeba.

INTRODUÇÃO

Antes de apresentar uma grande variedade de cores, culturas e modos de vida, o estado Ceará em meados de 1850, passou por um cenário de negação da identidade indígena, no qual, o Ceará passa a ser o primeiro estado a declarar a inexistência de índios. Conforme Ratts (1996) este ocorre como consequência dos extensos conflitos entre a população nativa e os colonizadores portugueses e da assimilação da população indígena, tendo em vista que lhes é imposta uma cultura e um modo de vida diferente do habitual. Com a intenção de manter a segurança de seus grupos, os indígenas que sobreviviam aos conflitos armados, optaram por abandonar costumes e tradições. Dessa forma, a identidade indígena apagasse ao longo do tempo.

Ratts (1996) ressalta que, em 1950 este cenário de negação é alterado com o auxílio de historiadores e folcloristas, tendo em vista o estopim dos estudos indigenistas nas Ciências Humanas, a exemplo da Antropologia. É destacada por Oliveira (2004) a presença de “índios misturados” no Nordeste brasileiro, onde o Ceará está incluído. Ao tratar do assunto, Oliveira (2004) ressalta algumas características desses grupos, sendo a principal, o processo de assimilação sofrido anteriormente. Jucá (2014), ao resgatar essa informação, afirma que pouca evidencia foi dada aos indígenas Tapeba antes de 1980, pois a imprensa e os demais meios de comunicação, acreditavam que estes não se tratavam de população indígena propriamente dita, mas sim, “remanescentes” indígenas.

Os Tapeba possuíam costumes próprios, diferente da maioria da população, por conta disso, suas condutas eram frequentemente julgadas. Em decorrência do seu modo de vida, sofriam diversas formas de preconceito, o que acarretava em falta de oportunidades de trabalho, restrição ao acesso de escolas e ambientes públicos, e o desenvolvimento de um comportamento inadequado.

Esse cenário é alterado com o auxílio da Igreja Católica, sobretudo, na pessoa do cardeal Aloísio Lorscheider, que ao tomar conhecimento da situação em que viviam os Tapeba, buscou, organizar uma equipe para desenvolver um trabalho social, que tinham como foco a alfabetização da população, pois, ele acreditava que a situação em que os

Tapeba viviam, só poderia ser alterada a partir da educação, na qual instruiu a sua equipe a “fortalecer a cultura dos índios Tapeba”.

De acordo com Aires (2009) a ação da igreja inicia na década de 1980, e perdura até 1985, quando os indígenas resolvem desprender-se da mesma e caminhar de forma independente para alcançar seus objetivos. Em 1990, o povo Tapeba exerce o protagonismo na luta pela educação diferenciada, como uma forma de reação ao preconceito praticado constantemente contra as crianças indígenas, e iniciam o projeto educacional diferenciado. As principais lideranças das comunidades, passam a ensinar aos pequenos, elementos da cultura indígena mesclados com elementos “de fora”, proporcionando um ensino intercultural e diferenciado.

Diante deste quadro, destaca-se a importância da luta exercida pelo povo Tapeba. Esta constitui uma peça fundamental para a compreensão do desenvolvimento da educação indígena no Ceará. Atualmente, o município de Caucaia, perante aos demais municípios com presença de população indígena, é referência pelo fato de reunir 14 instituições de ensino diferenciado, segundo a Secretaria Municipal de Educação de Caucaia, onde a Escola Diferenciada de Educação Infantil e Ensino Fundamental Abá Tapeba é destaque nacional e exemplo de educação intercultural.

Ao considerar a presença dessas singularidades, foi possível, ler esse ambiente a partir da Geografia Cultural, área da ciência geográfica desenvolvida inicialmente na Alemanha, com o objetivo de compreender aspectos materiais relacionados a cultura, e formas de interação com o ambiente. Para este estudo, optou-se em utilizar, enquanto conceito chave, a cultura, com a intenção de entender as singularidades desse modelo de instituição de ensino. Como objetivo do trabalho, foi delimitado, entender qual o papel que a cultura desempenha no ensino diferenciado indígena.

Ressalta-se, que este trabalho apresenta uma pequena parcela dos resultados identificados no trabalho de conclusão de curso de graduação da aluna Vitória Alves Lima, do curso de bacharelado em Geografia da Universidade Estadual do Ceará – UECE. No qual, foram destacadas as principais territorialidades, particularidades do ensino diferenciado indígena e os elementos culturais presentes no cotidiano da população.

REFERENCIAL TEÓRICO

A cultura é caracterizada primeiramente por Edward Tylor, enquanto uma característica essencialmente humana. Nos primórdios dos estudos culturais, Laraia (2001) destaca que a evolução do conceito de cultura está diretamente associada à evolução humana, tendo em vista que o compreendem a partir do uso de técnicas e práticas desenvolvidas por determinados grupos sociais. Com o passar do tempo, esta associação cai em desuso, e a cultura passa a ser associada à subjetividade.

Os estudos desenvolvidos em Geografia Cultural, compreendem o conceito de cultura, levando “em conta as características mais fundamentais e mais duráveis de uma ou várias sociedades” (LÉVY, 2015, p. 31). Existem diversas definições sobre o conceito de cultura, e em um deles ela é “resultada da capacidade de os seres humanos se comunicarem entre si por meio de símbolos” (WAGNER; MIKESSELL, 2003, p. 28). Diante disso, para Wagner e Mikesell (2003) a cultura está relacionada à comunicação, a linguagem, seja ela visual, através do uso de símbolos e figuras, ou falada.

Além dessa interpretação, a cultura pode ser apreendida enquanto um legado, transmitido entre gerações, como é ressaltado por Cosgrove (2012), quando afirma que essa é “um conjunto de práticas compartilhadas comuns a um grupo humano em particular, práticas essas que foram aprendidas e transmitidas através de gerações” (COSGROVE, 2012, p. 224). Assim como Cosgrove (2012), autores como Paul Claval, possuem uma perspectiva de estudo semelhante. De acordo com Claval (2007) a cultura é uma “herança transmitida de uma geração a outra” (CLAVAL, 2007, p. 63).

Já a leitura de Corrêa (2010) busca trabalhar a cultura de uma maneira diversificada, em quatro diferentes ópticas. Assim, a cultura “pode ser vista em uma perspectiva abrangente, abarcando inúmeros aspectos, ou em uma perspectiva restrita, na qual constitui os significados a respeito das diversas esferas da vida” (CORRÊA, 2010, p. 13).

Sob outro ângulo, a cultura pode ser “concebida como entidade que responde às características da natureza, dotada de uma poderosa força, determinando a ação humana, e por último, formulada como um contexto” (CORRÊA, 2010, p. 13). Assim, a

cultura, tem como propósito, garantir a perpetuação da memória de grupos humanos, e ao mesmo tempo sofre adaptações ao longo do tempo.

METODOLOGIA DE PESQUISA

Quando se trata de estudos sociais, a proposta de utilizar o método de pesquisa qualitativa vem a memória quase que de maneira imediata, tendo em vista que esta busca trabalhar “o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO, 2009, p. 21). Dessa maneira, entende-se que este método é adotado em decorrência do objetivo que se busca alcançar com a pesquisa, visto que este raramente pode ser representado através de números, ou de qualquer outro tipo de quantificação.

Lê-se em Minayo (2009), a organização das fases da pesquisa quantitativa, sendo essas, a fase exploratória, que corresponde à produção de um roteiro de estudos ou a um projeto de pesquisa, o trabalho de campo, que visa associar teoria e prática empírica e a análise e o tratamento de dados, que tem como propósito organizar e sistematizar as informações obtidas com as fases anteriores.

Ao considerar o exposto, foram delimitados, para este trabalho, três procedimentos metodológicos, buscando associá-los a cada fase da pesquisa quantitativa. Como primeiro procedimento, têm-se o levantamento bibliográfico, logo após o levantamento estatístico e por fim, em substituição ao trabalho de campo, adota-se a realização de entrevistas. Esses procedimentos, observados em conjunto, têm como intuito, alcançar o objetivo proposto na pesquisa, a saber, entender qual o papel que a cultura desempenha no ensino diferenciado indígena.

Para melhor compreensão, fez-se o detalhamento de cada procedimento, no qual, o levantamento bibliográfico, consiste na seleção da bibliografia basilar utilizada, através da minuciosa escolha de livros, artigos, teses, dissertações e demais materiais acadêmicos. Essa etapa foi realizada de forma remota, consultando materiais em formato digital, sobretudo, nos repositórios institucionais como da Universidade Federal do Ceará - UFC, Universidade Estadual do Ceará – UECE e Universidade de Brasília - UNB, e de maneira presencial na Biblioteca Central Prof. Antônio Martins Filho da

Universidade Estadual do Ceará – UECE. Esses materiais auxiliam na compreensão do conceito utilizados no estudo, sendo esse a cultura na perspectiva geográfica.

O levantamento estatístico tem como finalidade, reunir informações acerca do perfil da população, bem como sua origem, sua localização, seus quantitativos populacionais e dentre outras informações. Além disso, a partir do levantamento estatístico, foi possível compreender a origem, o grupo escolar, a quantidade de alunos, de professores e o funcionamento da instituição. Para tanto, foram consultados, o Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena – SIASI, o Arquivo Público do Estado do Ceará – APEC, o Centro de Documentação Indígena da Associação para o Desenvolvimento Local Co-Produzido – ADELCO, o Centro de Documentação e Memória Indígena Cardeal Dom Aluísio Lorscheider – CDPDH, o portal Educação Escolar Indígena – SEDUC, Site da Secretaria Municipal de Educação de Caucaia, e a seção os indígenas no Censo Demográfico 2010 – IBGE.

A realização de entrevistas, substitui a fase de trabalho de campo, devido a pandemia da recém descoberta doença Covid-19. Dessa forma, a entrevista foi realizada de maneira remota, via internet. Enquanto público alvo foram selecionados dois professores indígenas da escola Abá Tapeba. O questionário compreendeu 30 perguntas, objetivas e subjetivas divididas em três seções: cultura, educação e território. A partir das respostas obtidas, foi possível identificar as principais singularidades da escola de ensino diferenciado, e observar como a cultura é trabalhada no cotidiano das crianças e dos adolescentes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante do que foi exibido sobre o conceito de cultura em Claval (2007), transmitida enquanto herança, observou-se na Escola Diferenciada de Educação Infantil e Ensino Fundamental Abá Tapeba o uso de materiais diferenciados, a formação acadêmica dos professores que é intercultural e a organização geral da instituição, feita de forma comunitária, possui como elemento fundamental a disseminação das tradições indígenas às novas gerações.

A escola está localizada no bairro Jandaiguaba do município de Caucaia (CE), dentro do bairro, existe a comunidade indígena homônima, pertencente aos indígenas Tapeba. A história dos Tapeba está diretamente associada a origem do município de Caucaia. Conforme elucida Barretto Filho (2004) o município de Caucaia ter-se-ia originado da Aldeia de Nossa Senhora dos Prazeres de Caucaia, missionada regularmente pelos jesuítas entre 1741 e 1759 e, logo após a expulsão dos jesuítas do então aldeamento acontece a elevação da Aldeia a categoria de Vila de Soure em 1759, Vila nova de Soure e posteriormente, em 1943, denominada como Caucaia. O nome Caucaia, deriva de ka'a –o- kai, topônimo de origem indígena que significa mato queimado, mato que se queima.

De acordo com o Instituto Socioambiental – ISA (2019), a palavra Tapeba, é de origem tupi e constitui uma variação fonética de Itapeava (de itá/tá, i.é, "pedra"; e peva, i.é, "plano", "chato"): que significa: "pedra plana", "pedra chata", "pedra polida". Barretto Filho (2006) afirma que os Tapeba são provenientes dos Potiguara originários, dos Tremembé, dos Kariri e dos Jucá. Também podem ser referenciados como Tapebanos e Pernas-de-Pau, sendo o termo perna-de-pau, associado ao ancestral Tapeba, José Alves dos Reis, ou Zé Zabel Perna-de-pau.

Atualmente, os Tapeba ainda ocupam o município de Caucaia, que, de acordo com o IPECE (2009), possui cerca de 1.227,9 km², o equivalente a 0,83% da superfície estadual. De acordo com a ADELCO (2018), a Terra Indígena Tapeba possui 5.800 hectares. No que diz respeito a comunidade Jandaiguaba, segundo a ADELCO (2018), esta é uma das maiores comunidades dos Tapeba, tanto em extensão territorial quanto no contingente populacional. No entanto, apenas parte da comunidade está dentro da delimitação expedida pela FUNAI, o que motiva a população a criar estratégias para preservar e garantir o controle do seu território.

Os Tapeba consideram que manter e repassar as tradições indígenas às crianças e adolescentes através do ensino diferenciado, é uma forma de contribuir para o fortalecimento do território. Esse projeto de ensino diferenciado, iniciou, de acordo com Jucá (2014) mediante a ação da Igreja Católica na década de 1980 e, em seguida, em meados de 1990, a partir das lutas de lideranças e, principalmente, dos professores

indígenas para intensificar os processos de reconhecimento dos Tapeba como um grupo indígena em face das suspeitas, durante o processo de regularização fundiária, já que alguns empresários e grupos políticos do local, buscavam deslegitimar a origem da população, visando apropriar-se das terras ocupadas.

A necessidade de desenvolver uma proposta de ensino diferenciado, segundo os entrevistados, surge a partir do momento em que a discriminação racial se eleva a um patamar irreversível, onde professores e alunos das escolas regulares do município, passam a praticar atos de racismo contra alunos indígenas, a ponto de tentarem impor aos alunos uma identidade visual diferente e um comportamento que não lhes era próprio. Durante a entrevista, a professora relata que na década de 1990, os alunos indígenas sofriam maus tratos e humilhações constantemente.

Nesse ínterim, surge a ideia de construir uma escola, segundo o professor “do nosso jeito” (indígena), que respeitasse a identidade e estimulasse o fortalecimento cultural. Então surge “o projeto de criação das escolas de educação diferenciada propriamente dito, no território Tapeba na década de 1990, a partir de uma iniciativa de alguns moradores e lideranças” (CORREIA, 2011, p. 83), onde ofereciam espaços das suas casas ou contribuíaam no aluguel de ambientes para tal fim, e dessa forma, surgem os primeiros indícios de uma escola que atendesse a essa população.

A Escola Diferenciada de Educação Infantil e Ensino Fundamental Abá Tapeba, originou-se a partir desse projeto. Ela foi fundada no ano de 2004, pela professora indígena Elenilda Lima, de início, funcionava apenas como uma creche, tendo em vista que o objetivo da escola, estava centrado em “ajudar mães indígenas da comunidade que precisavam trabalhar e não tinham onde deixar os filhos” (LEVINSK, 2019, p. 2).

A partir dessa visão da professora, ao considerar a dificuldade das mães, a distância das outras escolas diferenciadas em relação a comunidade, e principalmente o preconceito racial sofrido pelos pequenos alunos nas escolas regulares, a mesma toma a iniciativa de organizar uma instituição que acolha aqueles alunos indígenas da sua comunidade. A escola começa a caminhar, inicialmente com 135 alunos matriculados, algumas lideranças da comunidade atuando como professores, e sobretudo professoras, porém sem formação acadêmica, que eram remuneradas pela Secretaria de Educação

– SEDUC. A escola funcionava em um espaço alugado e possuíam apenas 6 funcionários.

Uma das características mais antigas da escola que ainda é mantida, é o funcionamento comunitário. Os professores afirmam que a vivência no ambiente escolar esteve presente em suas vidas desde suas infâncias. A professora destaca que o desejo de se tornar educadora veio da inspiração que tem em sua mãe, que também era professora. A comunidade bem como, as lideranças, possuem um vínculo afetivo com a escola, participam dos projetos, do cotidiano da instituição e incentivam a participação dos filhos nas atividades culturais.

Atualmente o cenário é completamente diferente, a instituição possui, segundo a professora entrevistada, cerca de 780 alunos, com idades entre 3 e 14 anos, matriculados em séries do ensino infantil, fundamental I e II, e educação de jovens e adultos. O grupo de professores é composto por 30 docentes indígenas. Conforme consta no site da Prefeitura Municipal de Caucaia (PMC), a gestão municipal administra a escola, e de acordo com os entrevistados a mesma atende aos padrões necessários.

Na estrutura física da escola, notam-se algumas características mais particulares. A escola está localizada na Rua Juarez Andrade, no bairro Jandaiguaba. Possuem uma área razoável quando comparada a outras escolas indígenas mais antigas, mas que atende, com algumas restrições, a necessidade do grupo que a compõe. A escola não possui muros ou divisórias internas, o que facilita a circulação dos alunos, sobretudo, dos alunos da educação infantil. Na decoração e pintura, observam-se referências a cultura indígena, através de elementos de palha, cabaças, penas e pinturas feitas com uma tinta especial que é extraída do jenipapo de forma artesanal.

Foi identificado que um dos elementos que contribui fortemente para a disseminação cultural, é a formação acadêmica dos professores. No início da década de 1990, Aires (2009) ressalta que o professores que atuavam nas escolas de educação diferenciada, não possuíam formação acadêmica. Ao observar o relato da professora, considera-se que em um período de tempo razoável, cerca de trinta anos, esse quadro é alterado. Isso se fez possível através do acesso da população indígena à universidade.

Na comunidade, os entrevistados frisam que existem colegas que possuem duas formações, o Curso de Magistério Indígena e/ou a Licenciatura Intercultural Indígena, ambas oferecidas pela Universidade Federal do Ceará – UFC. A formação em um curso intercultural indígena, proporciona aos estudantes universitários “um híbrido de saberes nativos e conhecimentos acadêmico-científicos que, em seu conjunto, habilitará os seus graduados a lecionarem prioritariamente nas escolas indígenas” (UFC, 2016, p. 3).

A partir do relato dos entrevistados, compreendemos que o magistério indígena estava relacionado aos professores e lideranças mais experientes, e o papel que estes possuem na comunidade é próximo do que Krenak (1994) elucida enquanto um intelectual na tradição indígena:

Um intelectual, na tradição indígena, não tem tantas responsabilidades institucionais, assim tão diversas, mas ele tem uma responsabilidade permanente que é estar no meio do seu povo, narrando sua história, com seu grupo, suas famílias, os clãs, o sentido permanente dessa herança cultural. (KRENAK, 1994, p. 201).

Dessa forma, os professores indígenas possuem uma tarefa maior, que consiste em além de transmitir os conhecimentos prescritos na Base Nacional Comum Curricular – BNCC, trabalhar diariamente a história dos Tapeba, a legislação indígena, o artesanato, a dança, as músicas, os rituais, as técnicas de plantio, os grafismos e os esportes diferenciados. Além disso, são instruídos a seguirem as instruções do Referencial Nacional Comum Curricular para as Escolas Indígenas – RCNEI, que tem como objetivo:

a) explicitar os marcos comuns que distinguem escolas indígenas de escolas não-indígenas, b) refletir as novas intenções educativas que devem orientar as políticas públicas educacionais para as escolas indígenas brasileiras, c) apresentar os princípios mínimos necessários, em cada área de estudo do currículo, para que se possam traduzir os objetivos que se quer alcançar em procedimentos de sala de aula. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 1998, p. 13).

As séries de ensino infantil e fundamental I, começam a entender a cultura indígena através do artesanato. Os professores utilizam em sala de aula, materiais naturais como penas, folhas, tintas naturais e sementes. Estes são coletados pelos alunos em momentos extraclasse, na própria comunidade, ou no Terreiro Sagrado dos Pau Branco, espaço onde os Tapeba se reúnem com frequência.

LIMA, V.A. Semeando saberes ancestrais: uma leitura geográfica sobre o papel da cultura na escola diferenciada de educação infantil e ensino fundamental Abá Tapeba (Caucaia – CE). Revista CC&T/UECE – Centro de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza/CE, v. 2, n. 4, p. 100-114, jan./jul. 2021. Disponível em:

<http://revistas.uece.br/index.php/CECiT>

Os professores afirmam que ao trabalhar o artesanato com os alunos menores, estão proporcionando os primeiros contatos com a cultura indígena. Nas aulas, os alunos produzem peças de bio-jóias, alguns brinquedos, utensílios, além de utilizarem as fibras naturais de carnaúba para a fabricação de trajes típicos, cestos e pincéis.

Para os alunos do ensino fundamental II, são organizadas aulas de técnicas de plantação e manejo de terra, de medicina tradicional, de cultura indígena que concentram assuntos como a história dos Tapeba e das demais etnias do Ceará, dançam o toré aprendem a tocar os instrumentos como tambores e maracás para emanarem os cânticos tradicionais. Possuem aula de legislação indígena, com o conteúdo centrado no Estatuto do Índio. Aprendem sobre as fases de demarcação das Terras Indígenas, a Lei 9.394/96, em seu artigo 78, que trata da educação diferenciada, e o Referencial Curricular para as Escolas Indígenas – RCNEI. Além disso, é incentivado na escola a prática de esportes diferenciados, como arremesso de toras e natação.

Os eventos também contribuem para o fortalecimento cultural. Acontecem em parceria com as demais escolas indígenas do município, visando uma integração entre os alunos e professores. São organizados em conjunto, a Festa da Carnaúba, a Feira Cultural, os Jogos Indígenas, ambos acontecem no mês de outubro, no Terreiro Sagrado dos Pau Branco. Os projetos culturais próprios da escola, são realizados mensalmente, contam como público os familiares e demais pessoas da comunidade.

Observando o contexto geral da escola, identificou-se que as práticas culturais, os projetos, os eventos contribuem de forma satisfatória para a disseminação da cultura entre as novas gerações. Os professores elucidam para a importância de mesclar as inovações, como as redes sociais, à cultura indígena. Eles utilizam a internet para mostrar como acontecem as festividades, postar fotos e depoimentos pessoais sobre a vida na comunidade, estimulando indiretamente os alunos a fazerem o mesmo.

Assim, tem-se que essas estratégias utilizadas pelos professores e familiares se assemelham à leitura de Claval (2007), quando o autor afirma o papel dos adultos como uma das primeiras influências culturais das crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura, é compreendida neste estudo enquanto uma herança, repassada de geração em geração cotidianamente. Além dos familiares e lideranças comunitárias, destaco a figura do professor indígena como um promotor cultural, que desempenha atividades que visam reforçar a identidade indígena no cotidiano das crianças e adolescentes.

Identificamos que as escolas de educação diferenciada, são o resultado de esforços coletivos, para atender à população indígena. Portanto, são símbolo de orgulho e conquista, sobretudo, para o povo Tapeba. Atualmente as escolas diferenciadas são coordenadas de forma comunitária, proporcionando a maior integração da comunidade no cotidiano das instituições. Em Caucaia, ressalta-se a presença de 14 escolas de educação diferenciada, sendo a maioria mantida pelo Governo do Estado do Ceará, e as demais pela Secretaria Municipal de Educação de Caucaia.

A partir dos resultados obtidos nas entrevistas, consultas em portais da internet e pesquisas bibliográficas, tem-se que as atividades diferenciadas desenvolvidas na EDEIEF Abá Tapeba, têm como objetivo fortalecer a cultura tradicional. Dessa maneira, são incorporados às disciplinas da base comum curricular elementos da cultura indígena, que são trabalhados diariamente com os alunos em sala de aula e fora da sala de aula.

Destaca-se que os assuntos mais abordados pelas disciplinas diferenciadas são os conteúdos de cultura, história, e legislação indígena. Em momentos fora de sala de aula a EDEIEF Abá Tapeba, em parceria com as demais escolas diferenciadas do município, promove eventos, como feiras, jogos, festas, momentos espirituais e até marchas.

Nesse sentido, conclui-se que esta instituição apresenta características singulares, e a partir da Geografia Cultural, foi possível realizar esta leitura. Preservar a cultura indígena, é preservar a história do Ceará, portanto, é importante proporcionar essa visibilidade às escolas de ensino diferenciado e reconhecer o papel de quem à constrói cotidianamente.

REFERÊNCIAS

ADELCO. **Plano de Gestão Territorial e Ambiental Indígena Tapeba**. Fortaleza, 2018.

ADELCO. **Situação dos Povos Indígenas no Ceará**. Fortaleza, 2018.

AIRES, M. M. De aculturados a índios com cultura: estratégias de representação do movimento de professores Tapebas em zonas de contato. P. 17-56. In: AIRES, M. M. **Escolas Indígenas e Políticas Interculturais no Nordeste Brasileiro**. Fortaleza. EdUECE, 2009.

BARRETTO FILHO, Invenção ou renascimento? Gênese de uma sociedade indígena contemporânea no Nordeste. In OLIVEIRA, J. P. de (org). **A viagem de volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena**. 2. ed. LACED, 2004.

CLAVAL, P. **A geografia cultural**. 3. ed. Florianópolis: EdUFSC, 2007.

CORRÊA, R.L. e ROSENDAHL, Z. (orgs.) **Temas e Caminhos da geografia cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

CORRÊA, R.L. e ROSENDAHL, Z. (orgs.) **Geografia Cultural: uma antologia**, vol. II. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

CORREIA, S. B. **Avaliação da implementação da política de educação escolar indígena no território Tapeba (CE)**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Avaliação de Políticas Públicas, Fortaleza, 2011.

COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R.L. e ROSENDAHL, Z. (orgs.) **Geografia Cultural: uma antologia**, vol. I. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

ISA. **Tapeba - Povos Indígenas no Brasil**. 2019. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Tapeba>. Acesso em: 10 jan. 2021.

IPECE. **PERFIL BÁSICO MUNICIPAL – CAUCAIA**. Fortaleza, 2009.

JUCÁ, J. L. “**Nós temos que assumir que somos índios e quebrar esse preconceito**”: estudantes Tapeba e o reconhecimento da identidade indígena”. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2014.

KRENAK, A. Antes, o mundo não existia. **Tempo e História**. Companhia das Letras. 1994.

LARAIA, R. B. **Cultura**: um conceito antropológico. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2001.

LÉVY, J. **Qual o sentido da Geografia Cultural?** Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 61, p. 19-38, ago. 2015.

MEC. **Referencial Curricular Nacional Para As Escolas Indígenas**/Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998.

MINAYO, M. C de S. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

NASCIMENTO, G. R. **Rituais de resistência**: Experiências pedagógicas Tapeba. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2009.

OLIVEIRA, J. P. de. Uma etnologia dos "índios misturados"? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais. In OLIVEIRA, J. P. de. **A viagem de volta**: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena, Joao Pacheco de Oliveira (org.). 2. ed. Contra Capa Livraria / LACED, 2004.

RATTS, A. J. P. **Fronteiras invisíveis**: Territórios negros e indígenas no Ceará. Dissertação de mestrado em Geografia Humana. São Paulo, USP, 1996.

UFC. **KUABA** – Licenciatura Intercultural Indígena. Fortaleza. Universidade Federal do Ceará, 2016.

WAGNER, P. e MIKESSEL, M. Os Temas da Geografia Cultural. In: CORRÊA, R.L. e ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.